

# HOTELARIA EM PELOTAS: O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE COMO FATOR CONDICIONANTE DA HOTELARIA

**Ms. Dalila Müller<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo relacionar o desenvolvimento sócio-econômico, político e cultural da cidade de Pelotas com a hotelaria, no período de 1840 a 1928. Considera-se que os hotéis, sendo parte integrante da sociedade onde se inserem, refletiram o desenvolvimento social, econômico, político e cultural de Pelotas no período estudado. A pesquisa que deu origem ao presente artigo foi realizada a partir de documentos, como relatórios, estatísticas, manuscritos e jornais da época estudada. Constatou-se que o desenvolvimento de Pelotas foi fator condicionante para o desenvolvimento da hotelaria, ou seja, que o desenvolvimento da cidade contribuiu para expandir ou retrain a hotelaria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hotelaria; Desenvolvimento sócio-econômico, político e cultural; Fatores condicionantes; Pelotas.

## **Introdução**

Os hotéis representam a cidade na qual estão inseridos e são reflexo do desenvolvimento sócio-econômico, político e cultural da mesma. A partir desta hipótese, busca-se apresentar a hotelaria em Pelotas, nas décadas de 1840 a 1920, e sua relação com o desenvolvimento da cidade, mostrando a expansão da hotelaria nos períodos mais promissores e sua retração nos períodos de crise.

No século XIX e nas primeiras décadas do século XX Pelotas se destacou, principalmente, pelas charqueadas e pelas conseqüências desta atividade na cidade. A charqueada era uma indústria sazonal, funcionando de novembro a abril ou maio, sendo que, na entressafra os charqueadores permaneciam na cidade, desenvolvendo atividades sociais e culturais. A cidade se destacou pela sua economia, cultura e lazer, sendo considerada uma cidade rica e próspera.

Partiu-se da hipótese de que o contexto sócio-econômico e cultural no segundo quartel do século XIX e nas primeiras décadas do século XX atraiu pessoas para Pelotas. Este contexto foi um fator condicionante para o desenvolvimento da hotelaria no município, ou seja, o desenvolvimento sócio-econômico, político e cultural atraiu pessoas para a cidade, sejam viajantes, personalidades políticas, profissionais liberais, artistas, “passeiantes”, entre outros, que promoveram, como conseqüência, a atividade hoteleira.

O trabalho foi realizado através de pesquisa documental. Os documentos utilizados foram

---

<sup>1</sup> Mestre em Turismo pela UCS. Docente da UFPEL.

relatórios do município de Pelotas no período, estatísticas, legislações, manuscritos e, principalmente, jornais da cidade e de cidades vizinhas nos anos de 1850 a 1928. Os jornais foram pesquisados de forma sistemática, levantando-se as informações dia a dia, ano a ano.

### **A Hotelaria em Pelotas e sua Relação com o Desenvolvimento da Cidade**

O estudo da hotelaria em Pelotas começa no ano de 1843, quando se tem informações da abertura do primeiro hotel na cidade. Neste ano, a cidade estava recomeçando sua vida urbana, a qual tinha parado em função da Revolução Farroupilha iniciada em 1835.

Com a Revolução Farroupilha a maioria da população de Pelotas emigrou para a margem direita do Rio São Gonçalo, aglomerando-se em galpões de olarias existentes no Passo dos Negros; destes, muitos continuaram a fuga para Rio Grande e Povo Novo (OSORIO, 1997, p. 117), pois Pelotas era um ponto estratégico, devido à proximidade com o porto de Rio Grande, disputada por legalistas e farroupilhas, tendo sido invadida várias vezes.

De acordo com Magalhães (1993, p. 62-8) no período da Revolução mais de três quartos da população deixou Pelotas. O censo demográfico de 1846 registrou 6.248 pessoas em Pelotas, enquanto que em 1833 havia 10.873 pessoas, uma redução de 42,54% em sua população. Todos os depoimentos são unânimes em concordar que Pelotas parou durante o decênio da guerra, como destaca Conde D'Eu (1936, p. 213): "... os dez anos da guerra civil, 1835-1845, foram especialmente para Pelotas um período de misérias e de estacionamento."

A população começou a aumentar antes mesmo do término da Revolução, por volta de 1843, coincidindo com o declínio da mesma. Esse aumento se deu também pela instalação de uruguaios, que evadiram da Guerra de Oribe em 1842, instalando-se em Pelotas e de outros imigrantes (MAGALHÃES, 1993, p. 66-8). Segundo Anjos (2000, p. 80), em 1843 e 1844 entraram em Pelotas 116 franceses, 73 espanhóis, 68 portugueses, 53 italianos, 33 uruguaios, 21 argentinos, 08 alemães e 04 ingleses, destes, a maioria possuía profissões urbanas.

Antes disso, Pelotas já havia iniciado seu desenvolvimento, principalmente através das charqueadas, sua principal atividade econômica no século XIX e início do século XX. Segundo Magalhães (1993) essa atividade iniciou em 1777 com José Pinto Martins, o qual foi seguido por outros, chegando a 35 charqueadas em Pelotas em 1873. Segundo Arriada (1994) a região foi o grande centro saladeiril do Estado, mesmo havendo charqueadas em outros locais.

Em 1812 Pelotas atingiu a condição de freguesia, passando a chamar-se Freguesia de São

Francisco de Paula, desligando-se da Freguesia e Matriz de São Pedro, em Rio Grande. Em 07 de abril de 1832 a freguesia atingiu a condição de Vila, emancipando-se administrativamente de Rio Grande. Pelotas tornou-se cidade em 1835, através da Lei nº 5 de 25 de junho de 1835 (MAGALHÃES, 1993), sendo que neste mesmo ano se iniciou a Revolução Farroupilha.

No contexto de declínio da Revolução Farroupilha e aumento da população urbana, começou a funcionar em 1843, o primeiro hotel em Pelotas, o *Hotel D'Alliança*. Pode-se supor que seu proprietário era Adolph Hermann Schreiber, imigrante alemão, porém, faltam documentos para comprovar este dado. Em 1853 o hotel foi vendido para Santiago Prati e Thomaz Gotuzzo, ambos italianos (O Pelotense, 03.05.1853, p. 4).

Como citado anteriormente, muitos imigrantes chegaram em Pelotas na década de 1840, os quais possuíam profissões urbanas. Segundo Pesavento (1985, p. 49) os imigrantes, principalmente os alemães, diversificaram suas atividades, aplicando capital na indústria, bem como em empresas de navegação, bancos, companhias de seguros, loteamentos e hotéis. Pode-se supor que os estrangeiros foram pioneiros da hotelaria em Pelotas, do mesmo modo que no Rio de Janeiro e São Paulo, como constatado por Pires (2001).

Considera-se que a Revolução Farroupilha foi um fator condicionante negativo para a instalação de hotéis, bem como de outros estabelecimentos industriais e comerciais. A cidade somente começou a se desenvolver, sua população aumentar e novos estabelecimentos industriais e comerciais se instalar na cidade quando a revolução já estava declinando.

Os fatores condicionantes desfavoráveis são abordados por Arrillaga (1976) e Barretto (1995). Entre os fatores citados pelos autores, destacam-se as epidemias, pobreza, revoluções, guerras e falta de hospitalidade no núcleo receptor.

O Hotel Alliança esteve presente na cidade durante todo o período estudado, se “desenvolvendo” junto com a mesma. O Hotel passou por várias reformas e melhoramentos, sempre se aperfeiçoando. À medida que os serviços urbanos iam sendo instalados na cidade, eram instalados também no hotel, à medida que a cidade crescia e se desenvolvia o hotel ia se ampliando e oferecendo novos serviços. Entre as reformas e melhoramentos, os mais significativos foram: a colocação, em 1888, de “um aparelho electrico para campainhas, estabelecendo assim communicações para todos os quartos de dormir e demais compartimentos do hotel” (C.M., 24.07.1888, p. 2); aumento para 50 quartos em 1892 (C.M., 04.02.1892, p. 2); em maio de 1907 o proprietário do hotel contratou com a empresa Ganzo, Dierruty & Cia. para a

instalação de 25 aparelhos telefônicos nos quartos, salas, escritório, copa e compartimento do porteiro (D.P., 28.05.1907, p. 2); em 1912 foi instalada a iluminação elétrica em todas as suas dependências (D.P., 02.07.1912, p. 1); em 1916 foi concluída a instalação de esgotos no hotel, depois da instalação de telefones e abastecimento de água encanada (D.P., 03.03.1916, p. 1).

Ressalta-se que em 1912 teve início a iluminação pública elétrica na cidade; em 1874 já havia iniciado o abastecimento de água pela estação de tratamento da represa do Moreira; em 1876, 17,44% das residências possuíam fornecimento de água, passando para 47,80% em 1885 (ANJOS, 2000); em 15 de junho de 1908 foi instalada a Companhia Telefônica Rio-Grandense, com ligações diretas para Porto Alegre, Bagé, Jaguarão e Rio Grande (OSÓRIO, 1997, p. 422-3); em 1912 iniciou-se o trabalho de implantação do sistema de esgotos (D.P., 08.12.1912, p. 2).

Desse modo, constata-se que o Hotel Alliança e outros hotéis que serão citados posteriormente acompanharam o desenvolvimento da cidade, se aperfeiçoando, aumentando e melhorando suas dependências, instalando serviços básicos como água encanada, luz, telefone, esgotos, visando o melhor atendimento dos hóspedes e da população de Pelotas, que também utilizava os serviços do hotel, entre eles o restaurante e a área.

No início da década de 1850 foram identificados mais três hotéis, o Hotel Moreau, o Hotel dos Emigrados e o Hotel do Commercio. O Hotel Moreau e o Hotel do Commercio também eram de imigrantes. O Hotel do Commercio era de propriedade do francês Remy Abaddie e, pode-se supor, que o proprietário do Hotel Moreau também era francês, uma vez que na cidade existiam moradores franceses com sobrenome Moreau.

Neste período de cinco décadas o Hotel do Commercio passou por algumas reformas, em 1882 (O.J., 01.01.1882, p. 3), em 1890 (C.M., 05.12.1890, p. 4) e 1892 (C.M., 12.06.1892, p. 3). Constata-se, mais uma vez, que à medida que a cidade se desenvolvia, os hotéis iam ampliando e melhorando suas instalações.

No início da década de 1860 abre o Hotel Garibaldi, também na área central (C.M., folhinha p/ 2º sem. 1901). O Hotel, do mesmo modo que o Hotel do Commercio passou várias reformas, nos anos de 1882 (O.J., 05.12.1882, p. 3), 1883 (O.J., 03.01.1883, p. 4), 1898 (D.P., 20.11.1898, p. 3) e em 1905 (C.M., 28.10.1905, p. 2).

O Hotel Garibaldi possuía uma particularidade em relação aos demais, abria somente durante a safra, mantendo-se fechado durante a entressafra, ou seja, fechava em maio/junho e abria em dezembro (C.M., 17.06.1892, p. 3). Observa-se que a hotelaria era uma atividade

sazonal, pois o hotel somente permanecia aberto durante a safra de charque, que era de novembro/dezembro até abril e maio (CUNHA, s/d, s/p).

A safra das charqueadas atraía pessoas para a cidade, entre eles peões, tropeiros e estancieiros. Estas pessoas vinham com o objetivo de trazer e negociar o gado e permaneciam na cidade, utilizando os hotéis para hospedagem e entretenimentos. Muitos hotéis se adaptavam a essa situação, como citado no parágrafo anterior, desse modo, constata-se que as necessidades profissionais foram fatores condicionantes da ocupação hoteleira no período estudado.

Arrillaga (1976) cita diversas necessidades que condicionam o turismo, entre elas as necessidades profissionais, que consistem em viagens de negócios e similares e as viagens destinadas a assistir convenções, congressos, seminários, simpósios.

Na década de 1870 vários hotéis aparecem no cenário pesquisado, além do Hotel Aliança, Hotel do Comercio e Hotel Garibaldi, que permaneciam em funcionamento, surgem os seguintes hotéis: Hotel América, Hotel Boa Vista, Hotel Brazil, Hotel Club do Comercio, Hotel Club Pelotense, Hotel Colombo, Hotel da Esperança, Hotel Europa, Hotel da Glória, Hotel Lisboa, Hotel das Nações, Novo Hotel da Boa Fé, Hotel Particular, Hotel Perez, Hotel São Pedro, Hotel Universo e Hotel de Veneza.

Observou-se que os todos os hotéis localizavam-se nas ruas centrais da cidade, a maioria nas ruas do primeiro loteamento, ou seja, localizavam-se próximos do comércio, dos bancos, do teatro e dos cinemas.

Pode-se supor que vários dos estabelecimentos que aparecem nesta década, mesmo levando o nome de hotel, não ofereciam alojamento, pois, nenhuma fonte manifestou o fato da hospedagem. Pode-se citar os hotéis Boa Vista, Club do Comercio, Club Pelotense, da Esperança, da Glória, Lisboa, das Nações, Novo Hotel da Boa Fé, Particular e de Veneza. Muitos desses hotéis destacavam apenas bailes em seus salões e venda de bebidas e alimentação.

Dos hotéis que constam nessa década, permaneceram abertos nas décadas seguintes o Hotel América e o Hotel Brazil até o marco final do estudo; os hotéis Europa, São Pedro e de Veneza até a década de 1890; Boa Vista, Perez e Universo até a década de 1880 e os demais apenas constaram nas fontes da década de 1870.

Na década de 1880 aparecem 46 novos hotéis. Pode-se supor que esse aumento se deva à vários fatores. Um deles refere-se à desobstrução do Canal São Gonçalo ocorrida em 1875, permitindo a exportação direta do charque, pelo porto de Pelotas, para os Estados Unidos e

Europa e a importação de mantimentos, roupas, móveis, louças, modas, etc (MAGALHÃES, 1993, p. 49 e 137). Com isso, a importação e a exportação tiveram grande destaque como atividade comercial, em face da ligação comercial de Pelotas com os grandes centros do país e do exterior.

Outro fator refere-se a construção da Estação Ferroviária de Pelotas e da estrada de ferro, intensificando a ligação de Pelotas com outras cidades. Em dezembro de 1884 foi inaugurada a Estação Ferroviária de Pelotas, sendo que sua construção iniciou em 1881 (D.Pel., 08.04.1886, p. 1). A estrada de ferro ligava Rio Grande, Pelotas e Bagé, o que favorecia o movimento nos hotéis, uma vez que havia uma maior facilidade de deslocamento e comunicação entre as cidades.

Com a intensificação das atividades portuárias, da construção da estação e estrada de ferro e da construção de estradas, Pelotas se transformou “em principal centro econômico da zona da campanha, pólo de distribuição de mercadorias originadas do Rio de Janeiro ou do Velho Mundo, e local de reunião e exportação dos produtos da região para o norte do território nacional, sobretudo o charque.” (SANTOS, 1997, p. 23).

Outro fator importante diz respeito ao aumento das atividades charqueadoras. Em 1878 a cidade contava com 34 charqueadas em funcionamento, abatendo 385.469 reses em 1879, o que movimentava a cidade com estancieiros, peões e tropeiros, entre outros.

Cita-se, ainda, o aumento no número de indústrias (SANTOS, 1997, p. 41) e a chegada de imigrantes a partir da abolição da escravatura, o que demandava hospedarias e hotéis para instalá-los. Considera-se que estes foram fatores condicionantes positivos para a expansão da atividade hoteleira na cidade, demonstrada no número de hotéis identificados nesta década.

Nesta década, os hotéis começaram a se distribuir na cidade, localizando-se em outros pontos, como o porto, a área da estação férrea e a Praça das Carretas, porém, muitos ainda se localizavam na área central da cidade. Observa-se que, a medida que outras áreas da cidade começaram a se desenvolver, os hotéis se instalavam para atender a demanda gerada.

Dos 46 hotéis identificados nessa década, 29 não aparecem mais nas décadas seguintes; desse modo, pode-se supor que muitos hotéis abriram e fecharam em poucos anos. Destaca-se que de 1878 até 1890 o número de charqueadas passou de 34 para 18, desse modo, pode-se supor que, com a diminuição da atividade principal do município, ou seja, as charqueadas, o fluxo de pessoas, principalmente peões, tropeiros e estancieiros, hóspedes de muitos hotéis, diminuiu bastante, levando ao fechamento dos mesmos. Desse modo, considera-se que a diminuição da

atividade charqueadora foi outro fator determinante negativo para o desenvolvimento da hotelaria.

Segundo Magalhães (1993) em 1861 os produtos pecuários - charque e couro passam a representar 74,9% das exportações gaúchas. Porém, já no final do século XIX, a indústria saladeiril pelotense começou a entrar em decadência, pois, em 1890 a exportação baixou para 54,9%, representando mais da metade das exportações do Estado.

Na década seguinte, ou seja, em 1890, 18 novos hotéis aparecem no cenário da pesquisa: Hotel Amaral, Bragança (1890), Catharina, Federativo (1891), do Globo (1893), Grindler (1897) (Figura 5), Lombardo, Lusitano-Brasileiro, Luzo-Brasileiro, dos Operários, Popular, Portuense, das Quatro Nações, Restaurant Familiar (1896), Riograndense, Universal (1897), dos Viajantes e Viamão (1896). Destes, os hotéis Bragança, Grindler, Luzo-Brasileiro e dos Viajantes permaneceram em funcionamento até o final do período deste estudo.

Na década de 1900 aparecem somente 08 novos hotéis, quais sejam, Hotel Adelino, Hotel Carioca, Hotel Colonial, Hotel Internacional (1902), Hotel Paris (1909), Hotel Portugal, Hotel Quinze de Janeiro (1905), Hotel Tiradentes. Destes, apenas os hotéis Colonial, Internacional e Quinze de Janeiro permanecem em funcionamento até a última década estudada.

Observou-se que, das 34 charqueadas existentes em Pelotas em 1878, apenas 15 estavam em funcionamento em 1897 e, das 153.890 reses abatidas em 1880 passou para 120.894 em 1901.

Destaca-se, nesta década, o Hotel Paris, que foi aberto em 1909, de propriedade de Maria José Passos Maurell, localizado em Monte Bonito (D.P., 08.06.1909, p. 1). Em Monte Bonito existia a pedreira e a estrada de ferro e a nova estrada de rodagem estava em construção, atraindo “excursionistas” para esta região. Estes também foram fatores condicionantes positivos para a instalação de um hotel neste local.

Na década de 1910 parece que existiu uma preocupação maior com os hotéis, seja nas questões construtivas e de higiene ou nas isenções de impostos. É nesta década que surge a primeira lei de isenção de impostos relacionada a hotéis, a LEI n. 77, de 20 de novembro de 1913 promulgada pelo Acto n. 720, a 4 de dezembro de 1913, que concedia a isenção de impostos por 15 anos para empresa ou particular que construísse um hotel, cuja construção não poderia ser inferior a 400:000\$000 (MUNICÍPIO DE PELOTAS, 1914, p. 18).

Nesta década, o governo passou a se preocupar com as habitações coletivas de maneira geral e com os hotéis especificamente, em função das epidemias e endemias que apareceram nas

idades, entre elas a varíola, a peste bubônica, a febre tifóide e a gripe espanhola, doenças epidêmicas; e, a tuberculose, doença endêmica.

Gill (2004, p. 56-93) abordou as doenças em Pelotas e constatou que entre 1915 e 1916 a varíola reapareceu em Pelotas, assim como a peste bubônica voltou a aparecer entre 1919 e 1921. Do mesmo modo, entre 1891 e 1916 deram-se 896 casos fatais de febre tifóide, uma média de 34 mortes por ano. Em 1918 causou alarme a gripe espanhola, que matou, segundo os Relatórios da Santa Casa, 460 pessoas. Um jornal oposicionista, porém, acusou a morte de mais de 1000 pessoas. Em relação à tuberculose, observou-se na tese de Gill (2004, p. 89) que a década de 1910 apresentou o maior número de mortes, chegando a 324 em 1918.

Em razão dessas doenças, a cidade necessitava de limpeza das ruas, sarjetas, praças, habitações coletivas, cocheiras, etc, vigilância sobre as águas, extinção dos ratos, a existência de uma rede de esgotos e do abastecimento de água potável para a população, bem como, demandava visitas domiciliares por médicos cadastrados (GILL, 2004, p. 60-1).

O Código de Construção e Reconstrução de Pelotas e o Regulamento Sanitário demonstram essa preocupação:

Acto n. 754 - Promulga o Código de Construções e Reconstruções. 19 de janeiro de 1915. "Código das construções, reconstruções, acréscimos e concertos de prédios."

Cap. VII - Das habitações collectivas e grupos de habitações.

Art. 40 - Os prédios destinados a habitações collectivas, abrigando, sob a mesma coberta ou dentro da mesma propriedade ou terreno, indivíduos de famílias diversas, constituindo unidades sociais independentes, taes como hotéis, hospedarias, casas de pensão, asylos, internatos, hospitaes, casas de saúde, quartéis e estabelecimentos congêneres, devem satisfazer, além das disposições dos capítulos IV e V, mais as seguintes:

§1º - Os pateos ou logradouros, nos terrenos em que forem edificados habitações collectivas, terão em qualquer de suas faces, pelo menos, comprimento igual á maior altura das fachadas.

§2º - As latrinas serão installadas na proporção de uma para cada grupo de 20 pessoas, obedecendo na sua instalação ao que prescreve o Regulamento Sanitário.

§3º - Nas cozinhas de taes estabelecimentos será installada uma caixa syphonada e ventilada para as águas de lavagens dos pizos e das paredes e retenção das matérias que não devem ser conduzidas á rede de exgotos. (MUNICÍPIO DE PELOTAS, 1915, p. 25)

Acto n. 771 de 24 de setembro 1915. *Regulamento Sanitário.*

TÍTULO V Dos hotéis, restaurants, cafés e outros.

Art. 83 - Terão as suas installações de esgotos próprias, servindo ao pessoal interno e ao público, com capacidade sufficiente para attender a sua frequência e com os apparatus sanitários indispensáveis, a juízo da Secção de Águas e Esgotos.

§1º - Em todos estes estabelecimentos, inclusive as vendas a varejo ou tavernas, é obrigatória a installação de pias louçadas, para a lavagem do vasilhame.

§2º - Nos hotéis, restaurants e casas de pensão de maior movimento a caixa de gordura a adoptar será a modelo de Pelotas, sob numero 3. (MUNICÍPIO DE PELOTAS, 1915, p. 23)



A atuação da vigilância sanitária nos hotéis, em função dessas epidemias, foi destacada nos jornais:

*Delegacia de Hygiene* Por ordem do dr. delegado de hygiene, foram visitados: Hotel Grindler, Hotel Bragança, Hotel Brasil, Restaurante América, todos achados em boas condições ... (D.P., 07.12.1918, p. 2)

*Delegacia de Hygiene* ... Continua-se fazendo as desinfecções das casas onde se dão casos de tuberculose, mandando-se seus proprietários cair as mesmas. (D.P., 18.12.1918, p. 2)

É também nessa década que os empregados dos hotéis, cafés, bares e restaurantes começam a se organizar. Em julho de 1915 estavam sendo realizadas reuniões para a fundação de uma sociedade, que seria constituída pelos empregados em hotéis, cafés, bares e restaurantes (O Rebate, 09.07.1915, p. 1), o que deu origem a União dos Empregados em Hotéis, Cafés, Bares e Anexos (O.P., 10.01.1930, p. 4).

Nesta década, 16 novos hotéis surgem e muitos deles fecham. Pode-se supor que muitos hotéis fecharam por falta de hóspedes causada pelas epidemias citadas anteriormente, uma vez que a existência de epidemias ou o seu simples temor, restringe os turistas e, do mesmo modo, os hóspedes nos hotéis (ARRILLAGA, 1976).

Desse modo, observa-se que os hotéis abriram e fecharam em pouco tempo; muitas vezes permaneciam abertos em tempo menor que um ano. Pode-se supor ainda que, somado ao problema de doenças, a venda do charque oscilava muita nesta década, o que também pode ter determinado o curto período de funcionamento dos hotéis. Em 1911 existiam 16 charqueadas, passando para 07 em 1917 e 06 em 1918; em 1910 foram abatidas 150.307 reses, enquanto que em 1919 foram abatidas somente 61.070.

Na década de 20 não foi diferente, pois aparecem 19 novos hotéis, e destes, apenas, 05 hotéis estavam em funcionamento em 1928, quais sejam, Hotel do Globo (1928), Hotel Lagache (1928), Hotel Nacional (1927), Hotel Pelotas e o Hotel Schaeffer (1922).

Porém a década de 20 se destacou pela construção do Grande Hotel em Pelotas. A idéia de sua construção se deu no início da década, ocorrendo sua inauguração em abril de 1928. O Grande Hotel representa a “maioridade” da hotelaria pelotense, uma vez que possuía um prédio construído exclusivamente para a finalidade de prestar serviços hoteleiros e possuía tamanho e arquitetura ousados para época.

Pode-se considerar que as charqueadas e as conseqüências dessa atividade na cidade

foram o principal fator condicionante da hotelaria em Pelotas, seja expandindo ou retraindo o número de estabelecimentos hoteleiros. Porém, Pelotas também se destacou pelos estabelecimentos de saúde e educacionais. O que também pode ser considerado um fator positivo para a utilização dos hotéis. Arrillaga (1976) considera que existem várias causas ou motivações que influenciam na escolha do local de destino de viagens, entre elas, as causas terapêuticas, culturais e profissionais.

Pessoas se deslocavam, principalmente das cidades vizinhas, buscando atendimento médico particular e nos hospitais da cidade ou ainda, cirurgias (O Rebate, 22.04.1920, p. 2; C.M., 21.03.1897, p. 2). Desde 1848 Pelotas possuía a Santa Casa e desde 1857 a Sociedade Portuguesa de Beneficência, possuía vários médicos e muitos vinham para a cidade. Constata-se o observado por Arrillaga (1976, p. 145), que afirma que as necessidades terapêuticas motivam as viagens quando as pessoas doentes precisam buscar tratamento médico fora de seu local de residência, porque nele não existem os meios para o tratamento.

O sr. Antonio Duarte Pinto, residente em Rio Grande que veio trazer a esposa para consulta médica em Pelotas, relatou o fato: “que, tendo vindo da cidade visinha, para consultar o sr. Dr. Berchon des Essarts, hospedaram-se, com um filhinho de 6 annos, no hotel de propriedade do sr. José A. Rodrigues, à praça Marechal Floriano n. 60. ... (O Rebate, 22.04.1920, p. 2).

*Cirurgia* Hontem, ás 10 horas da manhã, no Hotel Brazil o illustrado e notável oculista sr. Dr. Tacques praticou uma delicada operação de olhos no sr. Abel Correia, fazendeiro em Santa Victoria. ... (D.P., 10.07.1904, p. 2)

O apreço ao saber e à cultura concorreu para a criação de vários estabelecimentos de ensino. Segundo Magalhães (1993, p. 231) as escolas de Pelotas, em virtude da sua alta qualidade, matriculavam estudantes de todas as cidades gaúchas. O que atraía novos habitantes, bem como habitantes temporários em hotéis.

Desse modo, Pelotas também obtinha destaque nas questões educativas. Possuía vários estabelecimentos educacionais de ensino superior, entre eles, a Escola de Agronomia Eliseu Maciel, inaugurada em 1883 (MAGALHÃES, 1983), a Faculdade de Farmácia e Odontologia, fundada em 1910 (D.P., 20.09.1919, p. 1) e a Faculdade de Direito de Pelotas, fundada em 1912 (D.P., 14.09.1919, p. 1). A cidade, em função destes estabelecimentos, atraía estudantes, bem como conferencistas, os quais se hospedavam nos hotéis.

*Aos srs acadêmicos* Desejaes fazer progresso nos vossos estudos? Procurai uma habitação hygienica, tranquillã e onde tenhas optima comida. Encontrarás no “Hotel Paris”, situado a rua Felix da Cunha, esquina praça da Republica. (D.P., 18.07.1919, p. 2).

*Médico distinto* O Sr. Dr. J. Bechtinger, médico norte americano e especialista em moléstias de pele, veio com sua família a Pelotas para fazer conferências. Pretende demorar-se algumas semanas e está hospedado no Hotel Brazil. (D.P., 02.12.1890, p. 2)

Outros hóspedes que merecem destaque eram os artistas (C.M., 09.05.1876, p. 2; D.Pel., 30.07.1886, p. 2). Muitos artistas vinham para a cidade proporcionar atividades culturais aos pelotenses, como peças de teatro e concertos, pois os moradores cultivavam uma vida cultural intensa (MAGALHÃES, 1993, p. 52-3). Constata-se que a importância dada às atividades culturais foi um fator condicionante da vinda de artistas para a cidade e sua conseqüente hospedagem em hotéis.

Hospedam-se os artistas da Companhia Hespanhola de Zarzuelas. O regente da orquestrada da Cia. leciona piano, violino, e canto em casas particulares, pode ser procurado no hotel Alliança, quarto n. 6. (D. Pel., 26.01.1877, p. 2)

*Excêntrico brasileiro* Acha-se nesta cidade, hospedado no Hotel Grindler, o excêntrico brasileiro João Candido (O Chocolate) ... que é muito aplaudido por suas conçonetas, tangos e monólogos improvisados. (D.P., 08.03.1911, p. 1)

A atividade charqueadora pouco solicitava a presença dos patrões na charqueada, pois a mão-de-obra da charqueada era essencialmente escrava, sendo o trabalho realizado por um grande número de escravos (80 em média), o que possibilitou a presença dos charqueadores na cidade. Desse modo, os charqueadores desenvolveram atividades de lazer, preenchendo o tempo com viagens a Porto Alegre, Rio de Janeiro e Europa, ou com as construções urbanas que efetuavam, ou ainda com saraus, jogos e leituras, ou com espetáculos e festas. (SANTOS, 1997, p. 39).

Essa elite fez com que Pelotas se destacasse pela sua sofisticada cultura e estilo de vida, que a diferenciava das outras cidades gaúchas do interior; nesta sociedade se valorizavam as qualidades relacionadas com a nobreza e a ociosidade, como o cavalheirismo, a cultura e o desprendimento do dinheiro. Era uma sociedade em que havia a valorização de um ócio que permitisse aos cidadãos usufruírem os entretenimentos e bens culturais disponíveis. (LONER, 1999, p. 65).

O tempo livre dos charqueadores e suas famílias também era gasto dentro dos hotéis, em bailes, concertos, almoços, jantares, ou simplesmente em uma “palestra” (conversa informal) nos jardins ou restaurantes dos mesmos, como observa-se nos anúncios a seguir:

Alerta rapaziada! Grandes, esplendidos bailes á phantasia. Sabbado 20 e Domingo 21 do corrente. Nos Vastos Salões do Hotel S. Pedro. Entrada - damas grátis Homens 1,000. (O.J., 19.01.1883, p. 3)

*Diversões* - É desnecessário decantar os atractivos dos locais que estão em condições de proporcionar às famílias e cavalheiros algumas horas de recreio. ... A noite temos o passeio da praça Pedro II, para uns, e para outros tem a boa parreira do Hotel Alliança, debaixo da qual passasse bem boas horas em animada palestra. E finalmente havendo cobres há diversões. (D.Pel., 01.01.1886, p. 2).

*Concerto*. Pela terceira vez, a excellente banda de musica da companhia europea, deu hontem um magnifico concerto nos vastos e aprasiveis caramanchões do Hotel Alliança, prolongando-se até a meia-noite. Logo os primeiros sons da boa orchestra, ficou a area repleta da Exmas. familias e cavalheiros que ali se conservaram até a hora da retirada da musica. ... (D. Pel., 14.03.1888, p. 2).

Profissionais liberais que permaneciam temporariamente em Pelotas também se hospedavam em hotéis, atendendo sua clientela no próprio hotel, como médicos (C.M., 28.02.1897, p. 2), dentistas (C.M., 20.02.1875, p. 2), professores (C.M., 21.08.1897, p. 1), modistas (C.M., 13.01.1897, p. 2), entre outros. Pode-se dizer que Pelotas possuía vocação empresarial ou de negócios, a qual consiste no deslocamento de pessoas para o núcleo receptor para realizarem atividades profissionais, comerciais e industriais (BENI, 2002).

Hospedavam-se também estancieiros, fazendeiros, charqueadores, peões, tropeiros, pessoas em busca de emprego, representantes comerciais, pessoas da “campanha”, que vinham para a cidade vender seus produtos. Estas pessoas vinham para a cidade devido ao destaque na atividade charqueadora e comercial de Pelotas, pois, Pelotas se transformou em principal centro econômico da zona da campanha (SANTOS, 1997, p. 23).

Com a construção da estrada de ferro ligando Rio Grande, Pelotas e Bagé, pessoas vinham, principalmente destas cidades, para festas realizadas na cidade, sejam elas religiosas ou populares, como o carnaval. A curta distância entre o núcleo receptor e o emissor e a existência de bons meios de transporte, apontados por Barretto, Burgos e Frenkel (2003, p. 22), foram fatores condicionantes positivos para a vinda de pessoas para a cidade e a utilização de hotéis. Os hóspedes buscavam entretenimentos, vislumbrando-se o turismo classificado como de recreação e entretenimento, conforme proposto por Beni (2002).

*Trens de excursão* Do Rio Grande, Casino, Piratiny e estações intermediárias deverão correr, hoje, trens de excursão conduzindo as pessoas que daquellas localidades virão assistir os festejos carnavalescos. De Bagé e outros pontos já chegaram muitos forasteiros, estando os hotéis abarrotados. (D.P., 10.02.1918, p. 1).

Os nossos hotéis tem se visto obrigados a regeitar hospedes, pela absoluta falta de commodos. Na verdade, certamen da S. Agrícola Pastoral trouxe a Pelotas forasteiros em números elevadíssimos. Muitos destes hospedam-se em casa particulares. E Pelotas não tem poucos hotéis. (D.P., 05.05.1907, p. 2) [Teve a 5ª Exposição da Sociedade Agrícola Pastoral].

Os hotéis nos distritos rurais hospedavam a população das cidades e de cidades próximas, durante o período do verão. Estes hóspedes buscavam tranquilidade, descanso e banhos, ou seja, buscavam lazer. Os hotéis também hospedavam pessoas que buscavam o restabelecimento da saúde.

... O Hotel Leonense dispõe de salas e quartos reservados tanto para famílias como para veranistas. Essa casa, em sua nova phase vai recommendar-se pela attenciosa forma com que attenderá a seus freguezes para o que dispõe de pessoal habilitado, tendo alem disso cosinha de primeira ordem. Francisco Costa Junior proprietário. (D.P., 30.06.1917, p. 3)

*Colimerio Leite* Este nosso apreciável collega, cujo estado de saúde continua sendo pouco lisongeiro, segue por estes dias para o Hotel Benjamin, no Capão do Leão, onde vae tratar-se. Desejamos-lhe promptas melhoras. (C.M., 25.01.1887, p. 2).

Assim, pode-se constatar que o desenvolvimento de Pelotas no que se refere à saúde, educação, atividades culturais e recreativas foram fatores condicionantes positivos para a vinda de pessoas para a cidade e a utilização dos hotéis existentes na cidade.

### **Considerações Finais**

Procura-se mostrar neste artigo que o desenvolvimento econômico, social e cultural de Pelotas no século XIX e nas primeiras décadas do século XX contribuiu para a expansão ou retração da atividade hoteleira.

A presença das charqueadas, principal atividade econômica no período, de estabelecimentos hospitalares e educacionais e a valorização de atividades culturais e recreativas, contribuíram para o desenvolvimento da hotelaria. Em contra partida, a Revolução Farroupilha, a presença de epidemias e endemias e a retração da atividade charqueadora contribuíram para a retração da atividade hoteleira na cidade.

### **Referências Bibliográficas**

ANJOS, Marcos Hallal dos. Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.

ARRIADA, Eduardo. Pelotas - gênese e desenvolvimento urbano. Pelotas: Armazém Literário, 1994.

ARRILLAGA, José Ignacio de. Introdução ao Estudo do Turismo. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

BARRETTO, Margarita, BURGOS, Raúl e FRENKEL, David. Turismo, políticas públicas e relações internacionais. Campinas/SP: Papirus, 2003. (Coleção Turismo).

BARRETTO, Margarita. Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo. 11. ed. Campinas-SP: Papirus, 1995. (Coleção Turismo).

BENI, Mário Carlos. Análise Estrutural do Turismo. 7. ed. São Paulo: SENAC, 2002

CONDE D'EU. Viagem Militar ao Rio Grande do Sul. (agosto a novembro de 1865). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

CUNHA, Alberto Coelho da. Apontamentos Históricos sobre Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul. Brasil, s/d. (Manuscrito) Disponível na Biblioteca Pública Pelotense Pasta ACC - 001.

GILL, Lorena Almeida. Um mal do século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS) 1890 - 1930. 2004. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GUTIERRES, Ester J. B. Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777 - 1888). 1999. 549 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Livros da Câmara Municipal de Pelotas: Declaração dos Estrangeiros que não aceitam a grande naturalização. 31.12.1889. (Manuscrito). Disponível na Biblioteca Pública Pelotense (MUSEU 024)

LONER, Beatriz Ana. Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937. Volume 1. 1999. 727 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MAGALHÃES, Mario Osório. Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EDUFPEL: Co-edição Livraria Mundial, 1993.

MUNICÍPIO DE PELOTAS. Acto n. 771 de 24 de setembro 1915. Regulamento Sanitário. Pelotas: Off. Typ. do Diário Popular, 1915.

MUNICÍPIO DE PELOTAS. Código de Construções e Reconstruções. 1915.

MUNICÍPIO DE PELOTAS. Relatório apresentado ao Conselho Municipal em 20 de setembro de 1914 pelo Intendente Engenheiro Cypriano Corrêa Barcellos. Pelotas: Globo, 1914.

OSORIO, Fernando. A Cidade de Pelotas. 3. ed. rev. Pelotas: Armazém Literário, 1997. vol. 1. (Coleção Cidade de Pelotas, 1).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. (Série Revisão, 1)

PIRES, Mário Jorge. Raízes do Turismo no Brasil. São Paulo: Manole, 2001.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Espelhos, Máscaras, Vitrines. Estudo Iconológico de Fachadas Arquitetônicas. Pelotas, 1870-1930. 1997. 211 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

### **Jornais**

O Pelotense. 1852, 1853, 1855.

Diário Popular. 1890 a 1928; 1968.

Correio Mercantil. 1875 a 1915.

Onze de Junho. 1881 a 1889.

Diário de Pelotas. 1876 a 1889.

Opinião Pública. 1912, 1915, 1916, 1918, 1923, 1928.

O Rebate. 1914 a 1923.